

## **A religiosidade dos estudantes de uma universidade pública: considerações a partir do curso de Serviço Social**

The religiosity of students of a public university: considerations from the Social  
Work Course

*Vanessa Tiemi Mori\**

*Claudia Neves da Silva\*\**

### Resumo

A urbanização no Brasil foi acompanhada do crescimento de manifestações religiosas ao longo das últimas décadas do século XX. E a universidade não ficou imune ao crescimento destes movimentos. Neste sentido, foi que nos interessamos por conhecer como se faz presente a religiosidade entre os estudantes de um curso universitário: o curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina. Aplicamos um questionário junto aos estudantes para verificar e entender as questões que os motivam a pertencerem a uma igreja. Como resultado, verificamos que a religiosidade não arrefeceu durante a formação profissional, apenas houve uma redução da participação nas manifestações religiosas, fato que acreditamos ser devido às exigências acadêmicas dos últimos anos do curso.

Palavras-chave: Estudantes Universitários. Religião. Religiosidade.

### Abstract

Urbanization in Brazil was accompanied by the growth of religious manifestations over the last decades of the twentieth century. And the university has not been immune to the growth of these movements. In this sense we have got interested in knowing how religiosity is present among students of a university course: the course of Social Work at the Universidade Estadual de Londrina. We used a questionnaire with students to check and understand the issues that motivate them to belong to a church. As a result, we have found that religiosity did not cool down during the professional course, but there was a reduction of participation in religious events, fact that we believe is due to the academic demands of the last years of the course.

Key-words: University Students. Religion. Religiosity.

---

\* Assistente Social da Política Pública de Assistência Social, no âmbito da Proteção Social Básica. Prefeitura de Monte Castelo/SP. Foi pesquisadora do Programa de Iniciação Científica (PROIC) da Universidade Estadual de Londrina. Email: tiemi2012uel@gmail.com.

\*\* Doutora em História pela UNESP/Assis. Professora do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Política Social e Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina. Membro do Laboratório de Estudos sobre as Religiões e Religiosidades. Email: claudianeveess@uel.br.

## **Introdução**

Quando nos propomos a estudar religião e religiosidade, partimos da ideia de que, para investigar o fenômeno religioso, é necessário que se compreenda o contexto social, cultural, político e econômico em que ele se manifesta. Assim, a partir da leitura de bibliografias a respeito do tema<sup>1</sup>, afirmamos que as igrejas que surgiram na esteira da urbanização e da industrialização brasileira nas primeiras décadas do século XX enfatizavam as questões vivenciadas no presente e não mais na promessa de um “paraíso” em “outra vida”, trazendo para si a responsabilidade de readequar e renovar valores como solidariedade, amizade, empatia, de homens e mulheres vulneráveis em uma sociedade direcionada pela economia de mercado, que enriquecia alguns e provocava a pobreza para o restante.

E o que continuamos *testemunhando* ao longo das últimas quatro décadas do século XX foi o crescimento de igrejas e movimentos pentecostais e carismáticos, levando homens, mulheres, jovens e adolescentes de diversos segmentos sociais a participarem de manifestações fundamentadas na emoção e na subjetividade.

Conforme estudos divulgados pela Fundação Getúlio Vargas, a queda do catolicismo chegou a 68,4% em 2009; enquanto que os evangélicos, tanto os tradicionais como os pentecostais, registraram um crescimento de 20,2% nessa década (FGV, Novo Mapa das Religiões, 2011, p. 7-8). E as universidades não ficaram imunes diante do aumento do número de igrejas e dos movimentos religiosos. Afinal, docentes e discentes não estão distantes e isolados da sociedade, muito menos alheios a sentimentos em relação a situações que envolvem dor, tristeza, sofrimento, doença, morte.

Desta forma, interessamo-nos por conhecer como se manifesta a religiosidade dos estudantes universitários, mais particularmente do curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina, investigando as questões de natureza emocional que motivam os estudantes do curso a pertencerem a uma igreja ou a frequentarem algum movimento religioso e identificando a presença e a influência de princípios religiosos na escolha do curso.

Definimos como local e sujeitos de nossa investigação o curso de Serviço Social e seus discentes, porque cotidianamente observamos estes estudantes expressarem por meio de suas falas, princípios e valores religiosos, apresentarem

comportamentos baseados nestes princípios e valores e carregarem junto ao corpo símbolos religiosos, demonstrando que também faziam parte deste universo de homens e mulheres que acorrem às igrejas em busca de resposta e conforto para suas dúvidas e medos.

As diretrizes curriculares do curso de Serviço Social têm como um de seus princípios: “Adoção de uma teoria social crítica que possibilite a apreensão da totalidade social em suas dimensões de universalidade, particularidade e singularidade” (ABESS, 1996, p. 6), para análise da realidade na qual a profissão está inserida. Este e os demais princípios que fundamentam a formação profissional destacam a importância de haver um “[...] Rigoroso trato teórico, histórico e metodológico da realidade social e do Serviço Social [...]” (ABESS, 1996, p. 6). Portanto, a formação profissional não está vinculada a quaisquer doutrinas e denominações religiosas.

Contudo, como destacou Simões (2005), o fato de o Serviço Social atender às formalizações legais e o seu ensino ser laico, tendo por base disciplinas construídas a partir da Filosofia, da Sociologia, da Antropologia e da História “não impede que conteúdos valóricos, oriundos da raiz social dos profissionais, ou de sua predominância de gênero ou ainda de marcas religiosas...” (Simões, 2005, p. 15) não estejam associados à prática profissional, em nosso caso em particular, nos estudantes que optaram cursar Serviço Social.

Apesar de termos realizado nossos estudos em uma universidade pública localizada em um município de médio porte – Londrina/PR – acreditamos que a realidade não se diferencia nas demais universidades e/ou faculdades espalhadas por centenas de municípios brasileiros, seja ele de pequeno, médio ou grande porte, tendo em vista que o crescimento de homens e mulheres que se declaram membros de uma igreja ocorre em todo o país, com repercussão em todos os segmentos sociais.

O Censo de 2010 (IBGE, 2012) apresentou significativas mudanças em relação ao Censo de 2000. Entre estas destacamos que houve um declínio daqueles que se declaram da Igreja Católica (64,6%), aumento do número de pessoas que se dizem evangélicas (22,2%) e o aumento dos que foram classificados como sem religião (subiu para 8,0%).

Contudo, a Socióloga Cecilia Loreto Mariz, em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos (2012), apresenta uma hipótese a partir do perfil das pessoas que se declaram sem religião:

No mundo pentecostal e protestante, apenas se deve se identificar com uma religião e igreja se de fato se pratica e se participa da comunidade. Se alguém se tornou evangélico e abandonou a prática, em geral, passa a dizer que se tornou “sem religião”. Essa hipótese explica uma parte do universo do sem religião. Observa-se que há um percentual importante de “sem religião” com mesmo perfil sociogeográfico dos pentecostais. (Mariz, 2012, s/p.)

Nesse sentido, reproduzimos o que sintetizou Clara Mafra em seu artigo *Números e narrativas* (2013, p. 9) “Os ‘sem religião - sem religião’ diriam respeito ao jovem que, ainda que professando alguma crença em um ser ou energia superior, não pratica atividades de culto e louvor de modo sistemático.”.

Como instrumento de coleta de dados, aplicamos um questionário aos estudantes que ingressaram no período de 2006 a 2009, das oito turmas do curso de Serviço Social, totalizando 241 questionários respondidos<sup>2</sup>. Aos discentes que iniciaram o curso em 2009, foi aplicado novamente o questionário em 2012, quando se encontravam na última série, com a finalidade de fazer uma análise comparativa dos dados da referida turma da primeira à quarta série. Deste modo, o universo desta pesquisa foi composto por 291 questionários respondidos.

Também utilizamos como instrumento de coleta de dados o levantamento do perfil do estudante ingressante no curso de Serviço Social entre os anos de 2006 e 2009, realizado pela Pró-Reitoria de Planejamento da Universidade Estadual de Londrina (PROPLAN).

No ano de 2015 foi aplicado novamente o questionário às 8 (oito) turmas do curso. Por este motivo, o interesse de divulgar o resultado da pesquisa realizada em 2012 e compará-los, mesmo que sucintamente com o que foi coletado este ano.

Cabe destacar que consideramos o questionário um importante instrumento de coleta de dados para viabilizar a pesquisa quantitativa, tendo em vista que possibilita investigar em que medida se efetiva a presença da religião e da religiosidade entre os estudantes da universidade. Contudo, para entender o significado da religião e da religiosidade na vida do estudante universitário, faz-

se necessária a realização de entrevistas com estes indivíduos, técnica que pretendemos aplicar na segunda etapa da pesquisa. Por ora, apresentaremos os resultados da pesquisa quantitativa realizada no ano de 2012 e em 2015.

### **1. O crescimento das manifestações religiosas acompanhando as mudanças sociais e econômicas: breve contextualização**

O processo de urbanização no Brasil começou a se consolidar a partir da virada do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, impulsionado pela emergência do trabalhador livre, pela Proclamação da República e por uma indústria que se desenvolvia conforme as atividades ligadas à cafeicultura e às necessidades básicas do mercado interno (Maricato, 2000).

As décadas de 1950 e 1960 foram marcadas por um intenso processo de industrialização e urbanização<sup>3</sup>. A política desenvolvimentista adotada pelos governos Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek trouxe mudanças para a classe trabalhadora nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, onde se concentrou o esforço de industrialização (Silva, 2008). Contudo, os demais Estados brasileiros não experimentaram este desenvolvimento econômico; ao contrário, registrou-se aumento da pobreza, obrigando homens e mulheres a abandonarem suas casas para vir trabalhar nas regiões sudeste e sul do país.

Durante o decorrer da década de 1970, com reflexos na década de 1980, deteriorou-se ainda mais a situação dos trabalhadores, apesar de o Brasil ter vivido um curto período de prosperidade econômica, conhecido como “milagre econômico” (1968-1973), quando se registraram altas taxas de crescimento, com programas de investimentos do Estado na economia e aumento dos investimentos estrangeiros (Mendonça, 1996).

A política econômica adotada provocou arrocho salarial e, como consequência, o agravamento das já precárias condições de sobrevivência. Os movimentos de protesto e reivindicatórios eram violentamente reprimidos e os sindicatos ou foram fechados ou sofreram intervenção ou tiveram de se atrelar ao Estado, assumindo funções médico-assistencialistas (Silva, 2008).

Como consequência das mudanças sociais, culturais e econômicas, as cidades, com características de metrópoles, constituíram espaços no qual esta nova população urbana, segundo Pierucci e Prandi (1996, p. 26)

(...) não tem onde se mostrar, ser visto, ver os demais, relacionar-se fora dos estritos limites do grupo que forma seu espaço de vida privada, a sua intimidade, cujo espaço está reduzido à família nuclear e alguma vizinhança, o que já vai ficando bastante raro.

Não há mais os antigos espaços de sociabilidade, onde as pessoas se agregavam e se identificavam. A sociedade urbana criou falsificações destes espaços que “quando funcionam, destinam-se exclusivamente aos muito poucos que podem pagar por esta espécie de acesso privatizado ao espaço privado construído segundo o modelo do espaço público.” (Pierucci; Prandi, 1996, p. 27).

As novas expressões religiosas passaram a se constituírem em espaços com a função de suprir o que as cidades, em suas novas configurações, deixaram de proporcionar à população, no âmbito da subjetividade, referências de conduta e espaços de sociabilidade, identidade e reconhecimento.

## **2. O surgimento de uma profissão em meio às mudanças econômicas, culturais e políticas**

No momento em que a urbanização e o surgimento e o crescimento de manifestações e movimentos religiosos desvinculados da Igreja Católica se faziam notar na década de 1930, surgiu o Curso de Serviço Social a partir do incentivo da Igreja Católica para atender às demandas do Estado brasileiro por um profissional que atuasse junto à população excluída dos bens e serviços sociais. Assim, a formação dos primeiros profissionais se deu sob a influência da Doutrina Social da Igreja e do neotomismo<sup>4</sup>.

No momento em que a urbanização e o crescimento de manifestações e movimentos religiosos desvinculados da Igreja Católica se faziam notar na década de 1930, surgiu o Curso de Serviço Social na cidade de São Paulo, no ano de 1936, e na cidade do Rio de Janeiro, em 1937, a partir do incentivo desta Igreja para atender às demandas do Estado brasileiro por um profissional que atuasse junto à população excluída dos bens e serviços sociais. Desta forma, a formação dos primeiros profissionais se deu sob a influência da Doutrina Social da Igreja e do neotomismo:

A visão de homem e mundo das primeiras assistentes sociais fundamentava-se na filosofia e teologia da Igreja Católica, mais especificamente da doutrina social da Igreja. Na formação profissional destas assistentes sociais, a presença da doutrina social era o fundamento teórico-metodológico daqueles que ministravam aulas para as primeiras alunas do Serviço Social, bem como do projeto de formação profissional. (Silva, 2003, p. 97)

Se a presença do neotomismo na formação profissional pôde ser observada até o final da década de 1950, na década seguinte novas concepções de homem e de mundo passaram a fundamentar a formação profissional. Segundo Yazbek (2009), as mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais expressas nos anos 1960 caracterizaram a expansão do capitalismo mundial e impôs à América Latina um estilo de desenvolvimento excludente e subordinado. Diante deste contexto, os profissionais do Serviço Social se mobilizaram por mudanças na própria profissão, promovendo um amplo movimento que exigia reformulações nos níveis teórico, metodológico, operativo e político da profissão (Netto, 1991).

Neste sentido, a profissão passou por um profundo processo de mudanças, conhecido como movimento de reconceituação, o qual culminou com a construção do que hoje é conhecido como projeto ético-político, que prevê um profissional do Serviço Social comprometido com a luta dos trabalhadores; com a defesa e efetivação das políticas sociais – saúde, previdência social, educação, habitação, assistência social; assim como a articulação com os movimentos sociais.

Essas discussões e decisões acerca da dimensão teórica, metodológica e política da profissão direcionaram e fundamentaram os cursos de Serviço Social espalhados pelo Brasil. No entanto, diante do crescimento de manifestações religiosas com forte apelo emocional e subjetivo, que afirmam que a solução dos problemas – físicos, emocionais, financeiros – se dará por meio de orações e participação nas celebrações religiosas; diante de uma sociedade que valoriza o consumo e os interesses individuais, uma dúvida nos aflige: como se dá a repercussão desta religiosidade, fundamentada na emoção, entre os estudantes do curso?

Afinal, não obstante a interlocução do Serviço Social com a teoria social crítica, fundamentada no legado de Karl Marx e seus principais herdeiros, e a construção de um projeto profissional<sup>5</sup> a partir da ruptura com os pressupostos doutrinários e interventivos da Doutrina Social da Igreja Católica, chamou-nos a

atenção se a significativa presença de princípios e valores religiosos entre os estudantes do curso de Serviço Social não influenciaria na leitura da realidade social, cultural, política e econômica.

### **3. Os/as estudantes do curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina e sua religiosidade**

#### 3.1. Perfil socioeconômico

Conforme os questionários aplicados, de um total de 241 respondidos pelos estudantes da 1ª à 4ª série, 210 são do sexo feminino (87%). O dado apresentado demonstra que a predominância feminina no curso é uma característica atemporal da profissão, já que desde sua origem constata-se esta realidade.

Verificou-se também a faixa etária dos estudantes:

**Quadro 1** – Faixa etária dos estudantes

22 – 26 anos	27 – 31 anos	32 – 36 anos	18 – 21 anos
46,4%	25,7%	11,6%	16,7%

Fonte: Grupo de pesquisa: História, Religião e Sociedade.

Os dados mais uma vez revelam que os estudantes universitários, particularmente os do curso de Serviço Social são predominantemente jovens, seguindo também a tendência do restante dos cursos universitários.

Em relação à ocupação, a maioria (58.5%) declarou ser estudante. Entre os que possuem uma ocupação destacam-se: vendedor, *call center*, auxiliar administrativo, atendente, telefonista, secretária. Verifica-se que se trata de ocupações que exigem pouca qualificação técnica e baixos salários. Conforme aponta Simões (2005, p. 74):

Nos países em que o *status* profissional é baixo, a procura pela profissão se faz, privilegiadamente, por setores de classe média-baixa, cujo ingresso na universidade e em uma profissão de ensino superior representa grande mobilidade social ascendente, como no caso brasileiro.

### 3.2 Religiosidade dos estudantes: como ignorar esta variável?

Diante das respostas dos discentes ao questionário, consideramos que pertencer a uma igreja e exercer sua religiosidade é relevante para os estudantes do curso de Serviço Social. Aproximadamente 80,5% afirmou frequentar algum espaço religioso<sup>6</sup>.

No que tange à especificação do espaço religioso frequentado pelos estudantes, seguiu-se a tendência verificada pelo Censo de 2010:

**Quadro 2** – Igrejas frequentadas pelos estudantes

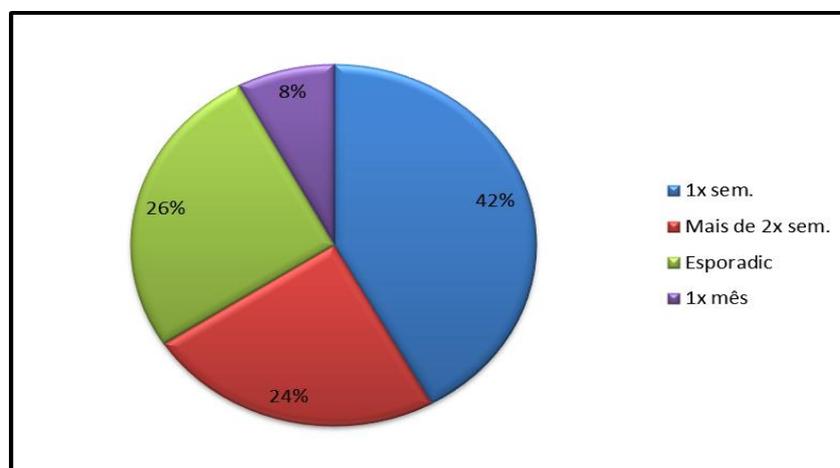
Igreja Católica	Igreja Evangélica	Igreja	Centro Espírita	Seicho-No-Ie	Testemunha de Jeová	Dois espaços	Vários Espaços	Não respondeu
41,8%	25,8%	22,7%	5,7%	0,5	0,6%	0,6%	0,6%	2,2%

Fonte: Grupo de pesquisa: História, Religião e Sociedade.

Em relação aos discentes que responderam o espaço frequentado como “Igreja”, acreditamos tratar-se da Igreja Católica, partindo-se do pressuposto de que geralmente, quando os indivíduos se referem a outras denominações, estas são especificadas.

Os estudantes que disseram frequentar um espaço religioso também responderam sobre a frequência com que vão a este espaço.

**Gráfico 1** – Frequência dos estudantes aos espaços religiosos



Fonte: Grupo de pesquisa: História, Religião e Sociedade.

O gráfico revela o quanto os estudantes participam das celebrações e dos serviços ou ministérios a igreja a qual fazem parte. Diante desses dados, ousamos ir além em nossa inferência: demonstram que a religião tem presença significativa na vida destes discentes, aceitando e vivendo de acordo com os valores e princípios religiosos, caso contrário, a frequência não seria tão significativa.

Também foi possível observar que aproximadamente 55% dos discentes declararam que sempre participaram de algum espaço religioso. No que se refere aos motivos pelos quais frequentam, tivemos a seguinte resposta:

### **Quadro 3** – Motivo para frequentar espaço religioso

Tradição Familiar	Conversão	Convite	Outros	Mais de uma resposta
58%	19%	11%	7%	5%

Fonte: Grupo de pesquisa: História, Religião e Sociedade

Simões (2005, p. 70) afirma que a frequência aos espaços religiosos geralmente se dá “nos períodos iniciais de socialização dos indivíduos, quando existe algum tipo de cultura religiosa na família.” Para o autor, “finda a fase da infância e da adolescência, contudo, a adoção e reprodução dos valores e ensinamentos daí apreendidos pode se dar independente da frequência a templos e igrejas.” (Simões, 2005, p. 71). Portanto, os valores e princípios religiosos como norteadores de escolhas e formas de conduta podem ser identificados independente do vínculo a uma instituição religiosa.

Face ao exposto, os estudantes foram questionados sobre a ocorrência de mudanças em suas vidas ao passarem a frequentar o espaço religioso:

### **Quadro 4** – Mudanças ocorridas

Houve Mudanças	Não houve mudanças	Não responderam
70%	24%	6%

Fonte: Grupo de pesquisa: História, Religião e Sociedade.

Embora a maioria dos estudantes (55%) tenha declarado sempre ter frequentado um espaço religioso, cerca de 70% destes afirmaram que houve mudanças na vida em razão de participarem do referido espaço. Partimos do pressuposto de que as mudanças tenham sido em decorrência de um período de “aceitação” ou conversão religiosa.

Se nos reportarmos ao livro Atos dos Apóstolos e lermos como Saulo se converteu no apóstolo Paulo<sup>7</sup>, observamos que o que ocorreu dá-se, *mutatis mutandis*, na vida de quem, marcada por problemas como álcool, drogas, doenças, pobreza ou pelos prazeres e valores do mundo é *tocado pela graça de Deus*, e opera nele uma conversão radical. Todavia, segundo Campos (2002, p. 93):

(...) o convertido na nova associação religiosa que o acolhe não é um ser totalmente estranho ou uma ‘tábula rasa’, na qual o novo grupo escreve tudo o que quiser. Principalmente porque ele traz consigo elementos da síntese anterior, a qual irá influenciá-lo na reconstrução de novas condutas sociais, nas maneiras de percepção do mundo ou na sua linguagem.

A conversão não significa o rompimento, o abandono definitivo do que se viveu, sentiu e pensou antes da conversão, mas um processo de “rupturas-plenas-de-continuidades” (Campos, 2002, p. 93), com tensões e conflitos para adequar o estilo de vida antigo com o novo modo de pensar e agir.

Contudo, vale lembrar que a conversão pode possuir diferentes significados, de acordo com o problema ou momento que a pessoa esteja vivendo. Este aspecto é evidenciado, por exemplo, no processo de conversão dos fiéis ao pentecostalismo, cujas igrejas possuem uma “forma politicamente mais coerente com as exigências de uma sociedade sob o impacto de uma economia neoliberal.” (Campos, 2002, p. 101); ou seja, denominações que voltam-se fundamentalmente para as questões de ordem emocional, existencial, material dos fiéis.

Quanto às atividades desenvolvidas na igreja, cerca de 39% afirmou participar de alguma atividade. Todavia, o mais apontado foi o grupo de jovens, indo ao encontro das observações de Simões (2005, p. 87):

Em relação ao “grupo jovem”, ele é uma instância que, além de fornecer uma base teológica para os adolescentes, os introduz nos trabalhos assistenciais. Este primeiro contato com setores mais carentes e necessitados da população pode ter sido um importante estímulo para a escolha da futura carreira.

Como se pode apreender do exposto, a participação em grupo de jovens reproduz e reforça as ideias e valores religiosos da denominação que o jovem pertence.

Quando perguntamos aos discentes se a religião havia influenciado na escolha do curso, 65% informaram que não. Porém, acreditamos que esta teve papel importante quando decidiram qual curso fazer, já que os valores religiosos são internalizados, ou seja, determinam uma orientação de vida, de conduta, de pensar e agir.

Portanto, é possível que alguns estudantes escolham o curso conforme a identificação com valores e princípios como os de ajuda, solidariedade, amor ao próximo. De acordo com Simões (2005, p. 108)

Independente do fato de poder ou não acabar com a miséria ou com os problemas sociais, e mesmo reconhecendo que os programas e as políticas sociais, tal como vêm sendo encaminhados, não são capazes de permitir que “todos” os usuários sejam igualmente beneficiados como uma condição mínima de vida ou, ainda, reconhecendo que esta não é uma responsabilidade exclusivamente sua (do profissional), o assistente social passa a buscar satisfação naquilo que está dentro do seu âmbito de atuação: ajudar, por meio do esclarecimento, de conselhos, de informações, da reflexão, ou mesmo da luta por condições mínimas de vida a *todos* que estejam ao seu alcance.

A este respeito, Simões (2005) ressalta que mesmo quando o ensino e a prática profissional já eram considerados secularizados, os valores religiosos continuaram a ser relevantes na identificação “do que é a profissão e, portanto, como a referência para a escolha da profissão” (Simões, 2005, p. 96).

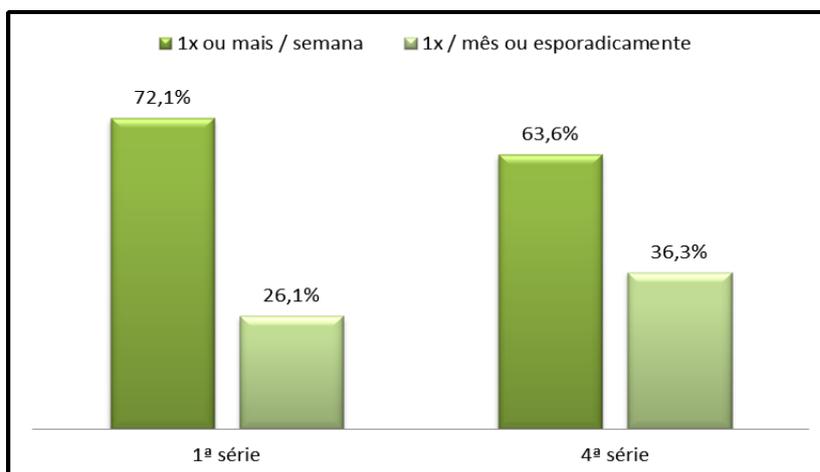
Dos 241 questionários respondidos, 45 estudantes informaram que não participavam mais de igreja (dois não responderam). Perguntamos as razões para não participar mais. O motivo que apresentaram foi: perda de vínculo institucional religioso em razão de mudança de cidade e distanciamento da família de origem, descrença na instituição religiosa (o que não significa a perda da religiosidade), divergências ideológicas e falta de tempo em função das atividades acadêmicas.

Para verificar se houve mudança no que se refere à participação em espaços religiosos ou mesmo em sua religiosidade durante o processo de formação profissional, aos estudantes da 1ª série que responderam o

questionário no ano de 2009 foi aplicado novamente no ano de 2012, quando estes se encontravam na 4ª série. Mais uma vez, uma surpresa nos aguardava.

Tínhamos por hipótese que a frequência e a participação em algum espaço religioso diminuiriam à medida que o discente avançasse no curso. Mas, tivemos uma surpresa quando comparamos as respostas dos alunos da 1ª com os da 4ª série.

**Gráfico 2** - Frequência dos estudantes aos espaços religiosos (comparativo)



Fonte: Grupo de pesquisa: História, Religião e Sociedade

Como podemos verificar pelo gráfico, a participação em celebrações ou serviços religiosos apresenta pouca diminuição ao longo do curso. A diminuição de 8,9% no último ano do curso em relação ao 1º ano pode ser considerada irrelevante se avaliarmos os fatores que poderiam mudar o comportamento dos discentes em relação à sua participação em igrejas ou movimentos religiosos, como os debates que ocorrem ao longo do curso acerca da realidade social e econômica da população, a contribuição das instituições na produção e reprodução da ideologia dominante, laicidade, conceitos fundamentados na ciência e na razão.

Em relação à frequência dos estudantes aos espaços religiosos, houve a seguinte resposta:

**Quadro 5** - Periodicidade quanto à frequência ao espaço religioso –  
1ª série (2009)

Semanal	Mais de 2 vezes	Esporádico	Mensal	Não respondeu
45,9%	26,2%	19,6%	6,5%	1,8%

Fonte: Grupo de pesquisa: História, Religião e Sociedade.

**Quadro 6** - Periodicidade quanto à frequência ao espaço religioso –  
4ª série (2012)

Semanal	2 vezes por semana	Mais de 2 vezes	Esporádico	Mensal
44,7%	5,26%	10,5%	28,9%	10,5%

Fonte: Grupo de pesquisa: História, Religião e Sociedade.

Ao comparar os dados apresentados, observa-se que quanto à frequência semanal, houve uma redução de apenas 1,2%. Já nas menores (mensal e esporádica), identifica-se um aumento que varia de 4% a 9,3%. No último ano do curso há um aumento das atividades acadêmicas, como a realização do estágio e a elaboração do trabalho de conclusão de curso, o que teria como consequência a falta de tempo para continuar indo de forma regular às atividades religiosas.

No que se refere à participação dos estudantes em atividades desenvolvidas nos espaços religiosos, percebe-se que os discentes que participavam de alguma atividade em 2009 constituíam-se de 48%. Contudo, em 2012 houve redução de 21% na participação. Mais uma vez, acreditamos que esta redução foi resultante do aumento dos compromissos acadêmicos.

Diante dos números apresentados, consideramos que, não obstante a diminuição da participação em igrejas ou movimentos religiosos, a religiosidade ainda era forte, não sendo afetada pelas questões debatidas na academia.

No mês de março de 2015 mais uma vez foi aplicado o questionário às 8 (oito) turmas do curso de Serviço Social. Apresentaremos sucintamente o resultado preliminar dos dados coletados nas duas turmas do 4º ano do curso.

Foram respondidos 47 questionários: 19 no período matutino e 28 no período noturno. Podemos afirmar que os estudantes do quarto ano (que

entraram na universidade em 2012) ainda apresentam significativa participação em manifestações religiosas. Trinta estudantes declararam frequentar um espaço religioso, mais especificamente uma igreja.

**Quadro 7** – Participam de grupo religioso

Católica	Evangélica	Afro	Espírita	Não informou
46,7%	40%	6,7	3,3	3,3

Fonte: Grupo de pesquisa: História, Religião e Sociedade.

Quanto à periodicidade, podemos observar que o percentual apresenta pouca diferença em relação ao resultado anterior:

**Quadro 8** - Periodicidade quanto à frequência ao espaço religioso

1 vez por semana	2 vezes / semana	1 vez por mês	Esporadicamente
46,7%	16,6%	6,7%	30%

Fonte: Grupo de pesquisa: História, Religião e Sociedade.

Em tempos em que as *formas* mudam rapidamente, de modo que as pessoas se tornam cada vez mais individualistas e estabelecem relações calcadas em interesses tão somente individuais, e, ainda, em tempos em que “o peso da trama dos padrões e a responsabilidade pelo fracasso caem principalmente sobre os ombros dos indivíduos” (Bauman, 2001, p. 14), é possível observar que o espaço religioso tem sido uma forma de obter um sentimento de “segurança” e de “solidez”, porque sua doutrina produz e reproduz princípios e valores cuja mudança se opera de forma lenta e gradual, tão distante do que se observa na sociedade atual.

Como podemos verificar, a religião e a religiosidade se fazem presentes na sociedade de forma que se transformam de acordo com o contexto social, político, econômico e cultural de cada tempo. E, apesar da modernidade e todo o seu aparato científico e tecnológico, a religião tem algo a oferecer, como normas de

comportamento e conduta, espaços de sociabilidade, identidade, reconhecimento e explicação e conforto para o inexplicável.

### **Algumas considerações**

Face aos resultados apresentados, é relevante salientar a necessidade de nós entendermos a presença e a influência da religiosidade no cotidiano dos discentes do curso de Serviço Social. Se houve a superação, no âmbito da academia, da influência da Doutrina Social da Igreja Católica na formação profissional presente na gênese da profissão, atualmente constatamos a presença de uma religiosidade fundamentada na emoção e na subjetividade. E os discentes do curso não estão isolados e imunes a estas expressões religiosas.

É um tema polêmico que os docentes do curso de Serviço Social evitam debater. Porém, a partir dos resultados de nossa investigação, constatamos que não é mais possível negar a presença e a influência da religião e da religiosidade dos estudantes do curso de Serviço Social, e futuros profissionais. Contudo, será que a presença da religião e da religiosidade entre os discentes resume-se a um curso? Será que também estaria presente em outros cursos universitários? Como os docentes universitários estão lidando com a questão do pertencimento religioso e das manifestações religiosas no interior na universidade?

Um tema instigante para novas investigações, visto que a partir dos dados apresentados, podemos inferir que a religiosidade permanece significativa na vida dos jovens universitários, não obstante os conhecimentos repassados estarem fundamentados no método do conhecimento científico, distantes do referencial teológico, o qual está baseado em dogmas doutrinários e práticas religiosas.

A juventude traz a marca do período em que ela se desenvolve, ou seja, as características culturais, econômicas, sociais e políticas do grupo ao qual pertence. E esses jovens, representantes desta cultura na qual estão imersos, estão recorrendo às igrejas, participando de celebrações e *consumindo* os valores religiosos, tendo em vista que as religiões apresentam-se como alternativa para expressar suas ansiedades, frustrações e dúvidas (SILVA, 2014).

A *realidade* que se apresenta no interior da universidade demanda de nós, pesquisadores das áreas de história, antropologia e sociologia das religiões, atenção e investigação em como os jovens, que participam de manifestações

religiosas e por vezes fundamentam seu comportamento a partir das orientações de líderes religiosos, conciliam saberes baseados na razão e saberes cujos fundamentos concentram-se em ideais que se encontram no plano sagrado.

Neste sentido, poderemos colaborar para a construção de um método de investigação do fenômeno religioso no interior de uma universidade pública, portanto laica, assim como na construção de um saber sócio-histórico-antropológico para interpretar este acontecimento que possui características e causas particulares.

## Referências

ABEPSS. *Diretrizes gerais para o Curso de Serviço Social*. (Com base no Currículo Mínimo aprovado em Assembleia Geral Extraordinária de 8 de novembro de 1996.) Rio de Janeiro, Novembro de 1996. Disponível em: [http://www.cressrs.org.br/docs/Lei\\_de\\_Diretrizes\\_Curriculares.pdf](http://www.cressrs.org.br/docs/Lei_de_Diretrizes_Curriculares.pdf) . Acesso em 15 de dezembro de 2014.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Pentecostalismo, conversão e construção de laços sociais no Brasil. *Estudos de Religião*, ano 16, n. 22, p. 85-109. jan./jan. 2002.

IBGE. *Censo Demográfico 2010 - Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: set./2012.

MAFRA, Clara. *Números e narrativas*. Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 13-25, jul./dez. 2013. Acesso em 24 jun 2016.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MARICATO, Erminia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. *São Paulo Em Perspectiva [online]*, v.14, n.4, p. 21-33, 2000.

MARIZ, Cecília L. *Pentecostalismo: mudança do significado de ter religião*.

IHU On-Line, n. 400, 2012. Disponível em: <<http://www.ihuonline>.

[unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4591&secao=400](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4591&secao=400)>.

Acesso em: 24 jun. 2016. Entrevista concedida a Thamiris Magalhães e Graziela Wolfart

MENDONÇA, S. R.; FONTES, V. M. *História do Brasil recente: 1964 - 1992*. 4 ed. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

NETTO, José Paulo. *Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64*. São Paulo: Cortez, 1991.

\_\_\_\_\_. O movimento de reconceituação – 40 anos depois. In: *Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, nº 84, p. 5-20, Nov. 2005.

Novo Mapa das Religiões. In: <http://www.cps.fgv.br/cps/religiao/>. Acessado em outubro de 2014

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SILVA, Claudia Neves da. A presença de postulados tomistas na gênese do serviço social. In *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 24, p. 87-100, set., 2003.

\_\_\_\_\_. *Manifestações culturais contemporâneas: religião, religiosidade e juventude no movimento pentecostal*. Relatório Final de Projeto de Pesquisa. PROPPG: Universidade Estadual de Londrina, 2014.

\_\_\_\_\_. *As ações assistenciais promovidas pelas igrejas pentecostais no Município de Londrina (1970 – 1990)*. 181 p. Assis. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de História, Universidade Estadual Paulista, 2008.

SIMÕES, Pedro. *Assistentes sociais e religião: um estudo Brasil / Inglaterra*. São Paulo: Cortez, 2005.

YAZBEK, Maria Carmelita. Fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social. In: CFESS/ABEPSS. *Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais*, Brasília, 2009, v.1.

YAZBEK, Maria Carmelita. *O significado sócio-histórico da profissão*. In: BRASÍLIA: CFESS/ABEPSS, 2009. 760 p. (Publicação: Conselho Federal de Serviço Social – CFESS, Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social – ABEPSS. v. 1). p. 125-143.

---

<sup>1</sup> Entre diversos estudiosos do tema, para este artigo sugerimos: SANCHIS, P. O repto pentecostal à cultura católico-brasileira. In: ANTONIAZZI, A. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 34-63.

<sup>2</sup> O curso de Serviço Social da UEL é anual, com 4 (quatro) turmas no matutino e 4 (quatro) turmas no noturno.

<sup>3</sup> Para maior detalhamento, sugerimos: BENEVIDES, M.V.M. *O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978; CARDOSO, M. L. *Ideologia do desenvolvimento. Brasil: JK - JQ*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978; VIEIRA, E. *Estado e miséria social no Brasil: de Getúlio a Geisel*. 3ª. São Paulo: Cortez, 1987; FAUSTO, Boris (org.). *O Brasil Republicano: Economia e Cultura (1930 – 1964)*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995. (vários artigos).

<sup>4</sup> Propomos leitura desta temática: AGUIAR, A. G. *Serviço Social e Filosofia: das origens à Araxá*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1985. IAMAMOTO, M.; CARVALHO, R. *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil – esboço de uma interpretação histórico – metodológica*. 25 ed. São Paulo: Cortez, 2008. SILVA, C. N. A presença de postulados tomistas na gênese do serviço social. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 24, p. 87-100, set. 2003.

<sup>5</sup> Para maior aprofundamento do projeto ético político do Serviço Social, sugerimos para leitura: NETTO, José Paulo. O movimento de reconceituação – 40 anos depois. In: *Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, nº 84, p. 5-20, Nov. 2005; YAZBEK, Maria Carmelita. *O significado sócio-histórico da profissão*. In: BRASÍLIA: CFESS/ABEPSS, 2009. 760 p. (Publicação: Conselho Federal de Serviço Social – CFESS, Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social – ABEPSS. v. 1). p. 125-143.

<sup>6</sup> Quando falamos espaço religioso, estamos nos referindo a uma denominação religiosa ou movimento religioso com ou sem vínculo a uma igreja determinada.

---

<sup>7</sup> Bíblia Sagrada. Ato dos Apóstolos, capítulo 9, versículos 1 a 9.

Recebida em 09/03/2016, revisada em 26/06/2016, aceita para publicação em 10/07/2016.